



Recebido em: 07/07/2016

Aceito em: 10/09/2016

**O EROTISMO:
DO PRAZER FEMININO AO SOFRIMENTO MASCULINO PROVOCADO
PELA CASTRAÇÃO
EROTICISM:
THE FEMALE PLEASURE MALE SUFFERING CAUSED BY CASTRATION**

Alexandre Valdemar da Rosa¹

Especialista em História, Ensino e Linguagens (UNESC)

<http://lattes.cnpq.br/8141702155533193>

Cledemilson dos Santos²

Mestre em Educação (UNESC)

<http://lattes.cnpq.br/0848153889218744>

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo principal analisar as diferentes faces do enigmático mundo do prazer e da sedução feminina, aqui descrita como erotismo. Realidade que no decorrer dos tempos seduziu homens; despertou desejos; arruinou impérios; provocou ciúmes, ocasionando intrigas e mortes. O estudo também mostrará que tais situações tiveram como testemunha ocular os eunucos, homens cuja identidade sempre esteve atrelada ao fato de ter sido extirpado de suas vidas, o símbolo máximo da plenitude viril, ou seja, a genitália.

¹ Especialista em História, Ensino e Linguagens pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Castelo Branco (UCB). Secretário Executivo no Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial (COMPIRC), na cidade de Criciúma-SC. Dedicar seus estudos a assuntos voltados para questão de Gênero e das Relações Étnico Raciais. E-mail: alexandrevdarosa@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Especialista em Metodologias e Práticas Interdisciplinares do Ensino, pela Faculdade Capivari (FUCAP). Graduado em Direito (UNESC). Professor de Sociologia da Violência no IBPEX. Professor de Legislação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – IF/Campus Sombrio. Professor de Direito Constitucional I, Penal I e II, na Escola Superior de Criciúma – Faculdades ESUCRI. Membro do Setor de Pesquisa e Extensão (SePe). E-mail: cledemilson_s@hotmail.com

Palavras-chave: Erotismo, concubinas, prazer, eunucos.

Abstract: This research is meant to examine the different faces of the enigmatic world of pleasure and female seduction, here described as eroticism. Fact that in the course of time seduced men, awakened desires, ruined empires, caused jealousy, intrigue and causing deaths. The study also showed that such situations had the eyewitness eunuchs, men whose identity has always been linked to having been extirpated of their lives, the ultimate symbol of the virile plenitude, or genitalia.

Key-words: Eroticism, concubines, pleasure, eunuchs.

Introdução

Ao longo dos tempos a palavra erotismo sempre esteve atrelada a algo de

cunho negativo, isso graças às teorias filosóficas idealizadas por diferentes pensadores, especialmente aqueles influenciados pelos primeiros religiosos da Idade Média, período este em que quase tudo era considerado pecado. Sendo que num passado não muito distante, inúmeras mulheres foram queimadas vivas em detrimento de uma sensualidade aparente, como que seus poros exalassem um aroma erótico e a pele emanasse paixão. Contudo, também houve mulheres que conhecedoras da arte da sedução modificaram antigos paradigmas no tocante à sensualidade, enquanto outras se tornaram vítimas inocentes da devassidão masculina. Ele (o erotismo), “pode melhor ser compreendido como o processo multifacetado através do qual nossa capacidade inata para o tesão é moldada, enfocada, suprimida e expressa” (MORIM, 1997:15).

Portanto, o texto que vem a seguir está provido de uma forte carga erótica, isto é, ele, para determinadas pessoas poderá ser entendido como algo profano, pois, para falar de erotismo é necessário tecer comentário sobre o prazer, a sedução e o sexo. Eis o assunto que pouca gente gosta, mas que muitos dizem ser entendidos.

Pois bem, historicamente as primeiras manifestações ligadas ao erotismo foram percebidas através das pinturas rupestres expostas nas cavernas de San, na África austral, datadas de 15.000 anos. Lá, as paredes africanas testemunharam o imaginário do homem primitivo, “são imagens claras que ostentam desde a nudez feminina ao entusiasmo amoroso representado através de egrégias práticas sexuais tais como sexo anal ou intracural em grupo” (MOTT, 2005: 12). De acordo com Bernard Shaw, “imaginar refere-se ao princípio da criação. Nós imaginamos o que desejamos, queremos o que imaginamos e, finalmente criamos aquilo que queremos” (SHAW, 2001: 48).

Mas, se por um lado os africanos se limitaram a imortalizar na pedra toda sua espontaneidade jocosa, os orientais por sua vez foram mais longe, conseguiram transformar o lascivo num imenso território ardiloso a ser explorado. Podemos comprovar tais argumentos observando os escritos relacionados ao Nu Shu e o Kama Sutra, além das impressionantes histórias relacionadas às concubinas e seus vigilantes, os eunucos. Esses elementos servirão de objeto no presente estudo, e ambos atuarão como fio condutor nessa empreitada rumo ao entendimento do enigmático mundo do prazer e da sedução.

UM ORIENTE SENSUAL E AFRODISÍACO

A história da sexualidade feminina na antiga nomenclatura do continente

asiático é cercada de grande mistério, muito sofrimento e nenhum pudor. Pode-se afirmar que na China, por exemplo, da Dinastia Song a Qing as mulheres eram limitadas a um regime semelhante ao da escravidão, ou seja, desde cedo elas cresciam sob a premissa das três regras básicas da submissão: “Quando menina obedeça aos seus pais; quando esposa ao seu marido; quando viúva obedeça ao seu filho” (SEE, 2005: 38). A mulher chinesa estava condenada a assumir um papel secundário no cotidiano e nas relações sociais (BUENO; CZEPUŁA, 2010: 21). Essa subordinação exacerbada era explícita especialmente na questão sexual, visto que elas tinham a obrigação de proporcionar a seus amásios/maridos/amantes na alcova, “o máximo prazer que pudessem alcançar, dando-lhe o maior número de orgasmos possíveis” (BUENO; CZEPUŁA, 2010: 21) e inúmeros filhos, especialmente homens.

Parte do que estamos até aqui indagando pode ser percebido no romance *Flor da Neve* e o *Leque Secreto* de Lisa See.

Um estudo idealizado a partir da escrita secreta das mulheres de Hunan, região localizada no sudoeste chinês. Segundo a referida pesquisadora, as informações acerca da misteriosa grafia somente vieram à tona graças a um fato inusitado. Em 1960, ao verificar os pertences de uma camponesa que havia desmaiado numa estação ferroviária, a polícia chinesa encontrou ocasionalmente alguns textos semelhantes a um código secreto. Entretanto, percebeu-se que aqueles escritos não estavam relacionados a nenhuma intriga internacional, e sim, a “uma linguagem escrita, usada unicamente por mulheres e que havia sido mantida em ‘segredo’ dos homens por mil anos” (SEE, 2005: 331).

Supostamente idealizada por uma concubina imperial a escrita Nu Shu, tinha como principal particularidade caracteres de natureza fonética, isto é, um único caractere poderia representar até três palavras distintas. Isso obrigava tais praticantes a ter atenção redobrada no momento de traduzir certos textos, porque poderiam interpretar erroneamente o sentido de uma simples palavra.

Para Rosa Montero (2008: 17-18),

muitas das que aprenderam essa caligrafia não sabiam escrever em Han, o idioma chinês oficial, porque as mulheres eram mantidas analfabetas e cuidadosamente à margem da vida intelectual, de modo clandestino o Nu Shu lhes outorgava o poder, uma força solidária que lhes possibilitava organizar certa resistência.

Em suma, a escrita secreta feminina, possibilitou as mulheres das mais remotas aldeias da província agrícola de Hunan, a chance de não somente expressar os detalhes mais íntimos de seu erotismo, mas oportunizou também falar do cotidiano em

que estavam inseridas e das constantes violências das quais eram vítimas. Esses acontecimentos estavam sempre descritos em pequenos leques, desses que nossas bisavós, avós e mães utilizavam no sentido de afugentar os terríveis calorões. Flor da Neve e Lírio, as protagonistas do romance, confidenciavam assuntos pouco discutidos entre as famílias chinesas, como a questão sexual, por exemplo. Ambas descobriram o emblemático mundo da sexualidade através da troca mútua de informações.

Deixei a ponta do dedo flutuar pela ponta da minha língua. Então, encorajada pelo calor, pelo luar e pela sensação de sua pele contra a minha, deixei meu dedo úmido escorrer sobre um de seus seios. Ela entreabriu os lábios e gemeu. Ela não disse qual era o caractere, e não pedi que ela o fizesse. Mas, para escrever o último caractere do verso, me deitei ao lado de Flor da Neve para poder ver de perto como sua pele iria responder. Lambi o dedo, escrevi o caractere e vi o bico de seu seio intumescer e saltar. [...]. Então, ela deslizou a mão pelo meu pescoço, meus seios, até o meu quadril [...], senti um fogo ardendo em mim, muito mais quente do que qualquer coisa que os deuses pudessem nos infringir por meio dos meros ciclos das estações (SEE, 2005: 115-116).

Embora a obra esteja inserida no contexto do século XIX, período em que os imperadores Daoguang e Xianfeng, respectivamente pai e filho ditavam as regras, a pesquisa em si, traz-nos algumas informações acerca de antigas tradições chinesas, entre elas a curiosa estética dos pés de lótus.

Induzidas a seguir uma antiga tradição iniciada durante a Dinastia Sung (960-976 a.C.), meninas chinesas ainda muito jovens modificavam drasticamente a estrutura anatômica de seus corpos inocentes, especialmente os pés. Isso porque acreditavam que a verdadeira sensualidade feminina estava vinculada a este membro. Assim, no momento em que elas completassem entre três e sete anos, ataduras eram colocadas em seus pés. Dobravam-se então, “os quatro dedos menores até a sola do pé, forçando o calcanhar entrar, acabando por quebrar os ossos. O processo era torturante, porém, se uma mulher não o fizesse, não conseguiria se casar” (LEVY, 2013: 332).

Estima-se que o processo de bandagem ocasionava inúmeras infecções, o que tornava elevado o índice de crianças mortas prematuramente. Subtende-se que, segundo a referida tradição, mulheres detentoras de pés considerados normais (ou grandes) além de serem vistas como feias, estavam condenadas a executar trabalhos árduos para o resto da vida. Para Lisa See (2005: 41), o verdadeiro pé sensual,

deveria ser pequeno, estreito, reto, pontudo e arqueado, além de cheiroso e macio. De todos esses atributos, o tamanho é o mais importante. Sete centímetros, mais ou menos o tamanho de um polegar - é o ideal. [...]. Um pé perfeito deve ter a forma de um botão de lótus. Ele deve ser cheio e arredondado no calcanhar e

formar uma ponta na frente, com todo o peso do corpo sustentado pelo dedão.

É importante destacar no presente cenário a existência de algumas práticas que antecederam o ritual de bandagem. Num primeiro momento, consultava-se um adivinho com o intuito de realizar a leitura espiritual da menina, os chineses acreditavam que o formato de cada dedo traduzia a personalidade de todo e qualquer indivíduo. Por outro lado, quanto às mães, a elas eram atribuídas à tarefa de confeccionar muitos pares de meias, chinelos especiais para dormir, ataduras, bem como dois tipos de sapatos, sendo o primeiro no tamanho adequado aos pés de lótus e outro num formato miniaturizado.



Fig. 1. Pés de Lótus: uma das últimas remanescentes da triste estética dos Pés de Lótus.
Fonte: <http://www.mundodapoli.com/2013/01/pes-de-lotus-e-salto-alto-machismo-ou.html>

Em 2009, Sônia Bridi, realizou uma interessante reportagem intitulada "Sofrimento em nome da beleza", na qual entrevistou algumas idosas remanescentes dessa milenar tradição. Ao chegar à vila chinesa da estradinha, na província de Yan'an, a repórter ficou impressionada com o relato apresentado por certa vovó local. Ela confidenciou a Bridi, que o único "homem a ver seus pés desnudos foi o marido. No dia do casamento, um pano separava os dois, levantando a barra, o noivo viu os pés e ficou feliz porque eram bem pequenos. Se fossem grandes, ele se sentiria envergonhado" (BRIDI, 2009).

Ademais, embora Guangxu, em 1902, tenha decretado o fim da obrigatoriedade das mulheres chinesas amarrarem os pés com bandagem, somente em 1951, no governo de Mao Zedong é que esta prática foi abolida definitivamente. Dentre as poucas senhoras sobreviventes ao tortuoso ritual do encolhimento dos pés, a grande maioria encontra-se com sérios problemas de locomoção, resultado dos intermináveis anos de dedicação a uma cultura extremamente machista

Como já apontamos anteriormente, coube a uma concubina a primazia de dar origem à enigmática escrita Nu Shu, o que torna o estudo relacionado à cultura

chinesa ainda mais fascinante. Falamos isto porque diferente das esposas oficiais do imperador, que eram “escolhidas entre as melhores famílias” e somente “elas podiam gerar um herdeiro para perpetuar a dinastia” (BÉGUIN, 2006: 31), as concubinas por sua vez, estavam condenadas a viverem confinadas sob o olhar vigilante dos eunucos em haréns. Essa impossibilidade de se comunicar com os próprios familiares, obrigou muitas concubinas a utilizarem de diferentes subterfúgios para poder driblar as amarras do cativeiro. Sobre a referida questão, Tara Fellner nos informa que “a posição de uma concubina no coração de seu amado dependia de sua beleza, de seu charme e de sua habilidade de seduzir e agradar; não era como o papel das esposas e rainhas garantida, protegida, ou aprovada pela lei” (FELLNER, 2003: 66).

Fellner escreveu na década de 1990, uma obra que acreditamos ser o estudo mais interessante sobre os benefícios que o perfume proporcionou a humanidade. Sua pesquisa permitiu-nos compreender as diferentes artimanhas utilizadas por inúmeras mulheres do passado no sentido de conquistar o coração da pessoa amada, tendo como instrumento principal o uso de óleos/aromas naturais. De acordo com a aromaterapeuta, o perfume

emana da mulher como um tipo de isca sexual, uma sugestão irresistível que chama a atenção masculina, provocando nele o desejo de se aproximar. Esta sugestão aproximativa irá enfim resultar em um abraço, ou em outro contato físico, durante o qual vestígios sutis de perfume ficarão em seu amante, na pele, nas roupas ou nos lençóis, e evocarão depois lembranças apaixonadas (Fellner, 2003:65).

Tais recordações eram estimuladas através de essências aromáticas como jasmim, jacarandá, gengibre, cominho, *clary sage* e outros. Todos possuíam em sua composição propriedades afrodisíacas, que de alguma forma estimulava a libido. Na Grécia antiga, por exemplo, elas untavam seus corpos com óleo de violeta antes das relações sexuais. Já no Senegal, as senegalesas amassavam o gengibre e utilizavam-no em cintos para estimular o interesse sexual de seus amantes, enquanto o cominho era usado pelas egípcias durante o ato sexual com o intuito de garantir a concepção. Para permanecerem atraentes, mesmo em dias de intenso calor, muitas africanas costumeiramente banhavam-se com água perfumada, poção essa preparada pelos então perfumistas da época, ou seja, os sacerdotes.

Acessórios feitos de resina e madeira comenta Fellner, também trouxeram grande contribuição quanto à valorização da sensualidade da mulher egípcia, pois, em contato com a pele liberavam um aroma irresistivelmente doce.

Ainda no Egito, sua capital, Alexandria, casa de Cleópatra, também ficou

conhecida historicamente por ter sido um lugar onde tudo exalava perfume, inclusive seus monumentos. “As estátuas de deuses e deusas eram enfeitadas com flores perfumadas e untadas todas as manhãs com perfumes para fortificá-los para o dia de veneração e suplício, em um ritual conhecido como a abertura de bocas e olhos” (FELLNER, 2003: 55).

Cleópatra procurava transformar os ambientes alexandrinos em locais verdadeiramente agradáveis, por isso, diariamente fazia uso de essências/óleos de plantas oriundas das mais diferentes regiões do mundo antigo. Logo, aromas como canela, nardo, capim-limão, gengibre, pimenta, sândalo e principalmente mirra, tornaram-se produtos muito comum no cotidiano daquele império.

Tamanha valorização quanto a essências aromáticas, proporcionou as egípcias, a fama de mulheres de corpos naturalmente afrodisíacos, levando Stacy Schiff (2011: 91-256) chegar a seguinte conclusão:

As mulheres egípcias eram conhecidas por ficarem grávidas com mais eficiência; elas levavam menos tempo para ter um bebê. Dizia-se também que havia entre elas uma taxa elevada de nascimento de gêmeos, muitas vezes de quadrigêmeos. Dizia-se que cabras - que davam dois cabritos em outras terras - produziam cinco no Egito, pombos colocavam doze ovos em vez de dez. [...] elas eram dotadas de um ardor insaciável e de uma fenomenal energia sexual. Um marido não bastava a elas.

Mas, se o perfume foi em outras épocas o artifício revolucionário da sedução feminina, também houve homens que da mesma forma quebraram antigos paradigmas. Um desses exemplos teria sido Marco Antônio, o imperador que há 2000 anos foi hostilizado por um machão egípcio, “simplesmente por ele ter feito massagem nos pés de Cleópatra, o que era uma tarefa escrava” (FELLNER, 2003:74).

Mesmo sendo pouco requisitado como temática em pesquisas acadêmicas, se tornando um assunto assíduo frequentador dos bastidores da história podemos afirmar que, importantes personagens históricos, tiveram boa parte de suas decisões influenciadas tanto pela geografia corpórea quanto pela sabedoria barrigã. Afinal, qual o homem no passado se atreveria resistir a mulher cuja beleza estava estampada em “curvas generosas; pele macia; os olhos; brasa ardente e as mãos, sabedoras de tantas coisas [...]” (SILVA, 2013: 18). Ao que tudo indica, a lista das vítimas da sedução feminina no decorrer dos tempos teria sido grande, os mais conhecidos estão inseridos no contexto bíblico (Velho Testamento), na vigência da cidade proibida (China antiga) e nos sultanatos turcos.

E para se ter uma ideia, soberanos conhecidos figuram no topo desta lista,

entre eles nomes como Davi, Salomão e YongZhing. Governantes cujo modo de vida esta até hoje impregnado no imaginário popular, “e com eles uma instituição frequentemente incompreendida no ocidente: o harém” (BOMATI, 2007: 69). Contudo, diferente do que a maioria pensa, o harém foi outrora, um ambiente dominado principalmente pela rivalidade, visto que a grande aspiração feminina estava em presentear o amado com o primogênito, garantindo assim a tão desejada estabilidade econômica. Por outro lado, é crível afirmarmos que vários impérios ruíram ou quase desmoronaram em detrimento deste famigerado jogo de interesse. Quanto a isto, a Bíblia não nos deixa mentir.

Considerado o livro mais antigo do mundo e, embora seja alvo de duras críticas, a Bíblia é, sem dúvida, uma excelente fonte de pesquisa histórica, como nos esclarece Edson Dornelles de Andrade (2014 apud STEINER, 2001):

A riqueza em termos de gênero do discurso que compõe a coleção bíblica não se assemelha a nada na Antiguidade: historiografia, crônicas, epístolas, biografias, profecias, e muito mais fazem dela, junto com o número de traduções, comentários e interpretações ao longo de 2000 anos o centro de uma galáxia.

Esse imenso universo de informações acerca da Antiguidade tem proporcionado a inúmeros historiadores, a oportunidade de confrontar a veracidade de antigos paradigmas. Em outras palavras, são verdades históricas que a historiografia moderna ainda não conseguiu elucidar completamente. É o caso, por exemplo, da estratégia maquiavélica adotada pelo rei dos judeus, Davi, no sentido de retirar BetSabá dos braços de Urias e do misterioso cotidiano amoroso existente na antiga Cidade Proibida, a residência dos antigos imperadores chineses.

Conforme o segundo livro do profeta Samuel, Davi, após ter acordado, avistou do palácio real uma mulher “que se estava lavando; e era esta mulher mui formosa à vista [...]. Então enviou Davi mensageiros, e a mandou trazer; e, entrando ela a ele, se deitou com ela (e já ela se tinha purificado da sua imundícia); então voltou ela para sua casa” (BIBLIA SAGRADA, 2006: 452).

O fato de estar simplesmente se banhando, BetSabá, involuntariamente, aguçou o olhar lascivo do então rei de Israel, fato que provocaria sequelas irreparáveis em sua vida. Como consequência, ela havia engravidado de Davi. Isso não seria problema, não fosse o detalhe de BetSabá ser casada com outro homem, “o pobre Urias, uma das maiores vítimas bíblica da luxúria alheia” (HERNANDEZ, 2000: 30).

Antes do nascimento de Cristo o adultério era visto como um crime de característica feminina, ou seja, mulheres adúlteras poderiam ser apedrejadas até a

morte, caso fosse confirmado tal delito. Quanto aos homens, seria hipocrisia falar de punição numa sociedade onde grande parte deles eram adeptos da poligamia. A referida afirmação está evidente em II Samuel 5:13: "Davi tomou mais concubinas e mulheres em Jerusalém, depois que deixou Hebron e teve delas filhos e filhas" (BÍBLIA SAGRADA, 2006: 446).

Pensando em se esquivar da culpa de ter engravidado uma mulher casada, Davi ordenou que lhe trouxessem Urias, um dos seus generais, que naquele momento estaria participando da guerra contra os filhos de Amom. A ideia era convencê-lo a pernoitar com sua esposa, mas ele não teria aceitado. Militar extremamente respeitado pelas tropas de Davi, Urias havia dispensado tamanho privilégio por acreditar que estaria sendo injusto com os seus subordinados. "Para um militar honrado como ele, parecia indigno desfrutar os encantos sexuais de uma mulher enquanto seus companheiros guerreavam" (HERNANDEZ, 2000: 30).

Infelizmente a negativa de Urias condenou-o à morte. Davi ordenou a Joab, o comandante-geral das tropas israelitas que colocasse o então desafeto no front da pior batalha e lá o abandonasse a própria sorte.

Após a morte do marido, logo BetSabá dá a luz ao filho do amante, que por sua vez morre prematuramente. Seria isto um castigo divino?

A verdade é que em uma época em que gravidez e submissão significavam atributos femininos, então não demorou muito tempo para que o poderoso casal tivesse outro filho. Nascia assim Salomão, o rei que um dia condenaria seu reino em detrimento de trezentas esposas e setecentas concubinas.

Não atentaremos aqui a tecer comentário sobre o reinado salomônico, porque o mesmo já nos serviu de fonte inspiradora num estudo anterior. Havíamos indagado ainda nessa pesquisa sobre a capacidade intelectual de algumas concubinas no sentido de arquitetar situações visando à busca incessante pela concretização de seus objetivos pessoais. Foram muitas as que chegaram ao ponto de cometer atos extremos contra diferentes imperadores, obrigando-os a se precaverem. Logo, o cenário quase sempre escolhido era a alcova, ambiente em que os monarcas estavam diariamente desprotegidos. A este respeito, Gilles Béguin traz à tona uma informação um tanto curiosa.

Durante a vigência da Cidade Proibida, na China Medieval, imperadores como YongZhing procuravam investir em medidas preventivas, temendo que represálias acontecessem por parte de algumas de suas concubinas. Todas as noites, antes de qualquer relacionamento sexual;

O imperador escolhia uma plaquinha de jade com o nome da mulher com quem compartilharia seu leito. A jovem era envolta nua em uma manta de zibelina e conduzida por um eunuco até os aposentos imperiais. Essa prática de usar uma manta remonta ao período Ming, depois de uma concubina ter atacado o monarca com a adaga que escondera sobre as roupas (BÉGUIN, 2006: 31).

Idealizada em 1406, por Young Lo, terceiro imperador da dinastia Ming e concluída 14 anos depois, a enigmática Cidade Proibida foi durante 491 anos a casa de 24 imperadores chineses. O lugar havia recebido essa denominação “porque ninguém, com exceção de alguns conselheiros e militares autorizados, poderia entrar. Exceto o imperador e alguns poucos eunucos encarregados de abastecer o local, mais ninguém podia sair” (LOMBARDO, 2007: 28). Uma obra suntuosa e de grande proporção, algo equivalente a 720.000 m². Isso nos leva a imaginar o quão trabalhoso seria manter organizados os inúmeros ambientes deste local. Para Béguin, os registros escritos costumeiramente exageram no número de habitantes que residiam na antiga Cidade Proibida. “Há referências a mais de 200 concubinas, 20 mil eunucos e 9 mil serviçais, um total que parece inverossímil” (BÉGUIN, 2006: 30). O pesquisador atribui aos eunucos a importante tarefa de manter impecável a organização do misterioso complexo arquitetônico.

De maneira geral, os eunucos estiveram presentes na maioria das grandes sociedades antigas, podemos identificá-los entre os assírios, africanos, indianos, otomanos, persas e até mesmo na Europa Medieval. Dentre os mais conhecidos eunucos que se tem notícia no mundo estão dois etíopes; Edebe-Meleque, que segundo as Escrituras Sagradas teria socorrido o profeta Jeremias de um possível afogamento em uma cisterna, e o tesoureiro real da rainha de Candace, o qual Felipe lhe havia esclarecido algumas dúvidas sobre a existência de Cristo. Eis as maiores vítimas da ignorância humana.



Fig. 2. Eunuco: Imagem alusiva ao encontro do evangelista Felipe com um eunuco, o então tesoureiro real da rainha de Candace.

Fonte: <http://www.evangelizafuerte.mx/2014/05/del-libro-de-los-hechos-de-los-apostoles-826-40-jueves-8-de-mayo-de-2014>

Embora estivessem sempre presentes em nossas lembranças como verdadeiros guardiões do prazer, nos haréns, infelizmente, foi na condição de homens castrados que eles ganharam notoriedade mundial, sobretudo entre os muçulmanos. Parafraseando Ives Bomati: “a prática da castração masculina, apesar de proibida pelo Corão, remete à antiguidade oriental e a Bizâncio. Os brancos eram guardiões da porta exterior do harém” (Bomati, 2007: 70) enquanto os eunucos sudaneses cuidavam da parte interior. Em outras palavras, os eunucos africanos atuavam como uma espécie de elo, ligando o sultão a suas esposas/odaliscas/concubinas. No tocante a essa questão, a Bíblia nos traz a seguinte explicação: “há eunucos que nasceram assim; e há eunucos que pelos homens foram feitos tais” (BIBLIA SAGRADA, 2006: 34).

Chama atenção neste contexto a particularidade existente entre os eunucos persa e os otomanos, como nos apresenta Bomati (2007: 70). Enquanto os persas extraíam toda genitália destes trabalhadores, os otomanos por sua vez removiam-lhes “apenas os testículos e não o pênis. Isso explicaria por que tantas intrigas amorosas se tornaram tão conhecidas nos inúmeros haréns turcos”, conclui o referido historiador. Brutalmente recrutados em meio aos longínquos territórios do Sudão e da Etiópia, meninos

de 8 a 12 anos eram sequestrados por tribos inimigas ou ‘caçadores árabes de gente’ e entregues a circuncidadores cristãos ou até mesmo judeus, [...]. Esse circuncidador cortava o pênis e os testículos, estancava hemorragias; esterilizava o ferimento e impedia o fechamento dos ureteres. Apenas um em cada três garotos sobrevivia ao procedimento, ao processo de cicatrização, que levava meses e as dores cruciais ao urinar. Isso sem falar no trauma do ato da violência. Os sobreviventes valiam uma fortuna

para seus comerciantes e somente as famílias mais ilustres do império se davam ao luxo de manter servos castrados. Mas para abastecer o TopKapi eles eram comprados às centenas (MESENHÖLLER, 2013: 40).

O Kama Sutra, o conhecidíssimo livro hindu do amor, também nos traz algumas informações no tocante às obrigações eunucos, funções essas extremamente humilhantes por sinal. O texto revela a existência do homossexualismo entre eles, ou seja, existiam dois tipos de eunucos, aqueles que se disfarçavam de homens e os que se travestiam de mulher. Eunucos disfarçados

de mulheres imitam a vestimenta feminina, a fala, os gestos suaves, a timidez, a simplicidade, a brandura e o acanhamento. As ações que são feitas na jaghana, ou a parte do meio do corpo da mulher, são feitas na boca destes eunucos e isto é chamado Auparishtaka. Estes eunucos derivam seu prazer imaginativo e sua subsistência deste tipo de sexo e eles levam a vida de Cortesãs. Isto é tudo referente a eunucos disfarçados de mulheres. Eunucos disfarçados de homens mantêm seu desejo em segredo e quando por desejo são movidos a agir, eles levam a vida de massagistas. Sob o pretexto de uma massagem, um eunuco deste tipo abraça e se aproxima das coxas do homem que ele está massageando e depois disso ele toca a parte de dentro das coxas com sua jaghana ou a parte central do seu corpo. Então, se ele encontra o lingam do homem ereto, ele o pressiona com suas mãos e admoesta o homem por entrar em tal estado (SAILI, 2009: 170-171).

Para sobreviverem em meio a uma sociedade onde a Casta significava o principal meio de ascensão social, esses homens viam-se obrigados a praticarem a prostituição.

Assim como os hindus, o catolicismo também soube explorar muito bem seus eunucos, só que de forma diferente. Desde o século XVI, a igreja católica utilizava em seus conceituados corais homens com timbre vocal semelhante à entonação feminina; soprano, mezzo-soprano e contralto. Essa situação ocorria porque as mulheres eram proibidas de exercer tal função, o que obrigou Sisto V a aprovar em bula papal de 1589, o recrutamento de Castrati (plural de castrato) para o coral de São Pedro, em Roma (LEE, 2014). Para atingir a entonação perfeita era necessário que os coralistas fossem castrados. Segundo Jeocaz Lee-Meddi, a castração era feita em rapazes pobres, órfãos ou abandonados, sem a proteção familiar. Às vezes a própria família impossibilitada de cuidar do filho entregava-o a castração (LEE, 2014).

Carlos Broschi (1705-1782), Gaetano Cafarelli (1710-1783) e Alessandro Moreschi (1858-1922) figuram entre os tenores-Castrati conhecidos mundialmente, adverte Lee-Meddi. Somente em 1902 os Castratis deixaram de figurar entre os Coros religiosos, graças a Leão XIII.

Castrados na intimidade e esquecidos nos obscuros porões da história, o passado eunuco certamente renderia um típico roteiro de filme hollywoodiano.

Considerações finais

O presente estudo demonstrou de forma sucinta que ao longo dos tempos um elevado contingente feminino, utilizou de diferentes subterfúgios no sentido de obter não somente a atenção da pessoa amada, mas também para conseguirem realizar determinados objetivos pessoais.

Nessa lógica, o erotismo aparece como principal aliado da sedução feminina, manifestando-se ora através de imagens, às vezes por meio dos pés, vestimenta, aroma ou olhares. Esses atributos, no entender de Mary Del Priore, “são os signos sedutores dessa fêmea que convida ao paladar, à deglutição, ao tato. São elas as verdadeiras presas do desejo masculino, mulheres-caça, que o homem percebe e devora sexualmente” (DEL PRIORI, 2011: 30).

Alheio a este passado sedutor, houve homens que testemunharam tudo isso, infelizmente desprovidos do símbolo maior de sua masculinidade, isto é, a genitália. Fato esse inquietante, além de trágico. Todavia, em se tratando dos eunucos, sobretudo os africanos, “sua virilidade e suas proezas sexuais foram objeto de preocupação” (BAGNOL, 2014) de inúmeros sultões, sheiks ou califas, razão pela qual muitos destes trabalhadores tiveram a vida ceifada inocentemente.

Referências

ANDRADE, E. D. **A Bíblia como literatura**: violência, poder e erotismo na narrativa sagrada. Disponível em: <http://www.letras.UFSCar.br/linguasagem/edicao03/ensaios_biblia.php>. Acesso em: 24 out.2015.

BAGNOL, B.; MARIANO, E. **Cuidados consigo mesma**: sexualidade e erotismo na província de Tete, Moçambique. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-733120090002000008&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 ago.2015.

BÉGUIN, G. Poder Imperial: a Cidade Proibida. In: China: o retorno do dragão. **Revista História Viva**, São Paulo: Duetto, v. 34, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Versão revista e corrigida na grafia simplificada. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2006.

BOMATI, Yves. Intrigas e complôs no Harém Real. In: Uma rosa contra Hitler. **Revista História Viva**. São Paulo: Duetto, v. 41, 2007.

- BRIDI, Sônia. **Sufrimento em nome da beleza**. Disponível em: <<http://globoreporter.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-16513-2-268049,0>>. Acesso em: 24 set.2015.
- BUENO, A.; CZEPULA, K. Alquimia sexual chinesa. In: Caça ao Dr. Morte. **Revista Leituras da História**, São Paulo: Abril, v.36, 2010.
- DEL PRIORI, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- FELLNER, T. **Aromaterapia para o amor: receitas de sensualidade e sedução com óleos essenciais para os rituais do amor**. Tradução Claudia Lage. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 2003.
- HERNANDEZ, F. BetSabá. In: A libido feminina. **Revista Super Interessante**. São Paulo: Abril, v. 158, 2000.
- LEE, M. **Eunucos e Castrati** – amputação masculina através dos séculos. Disponível em: <http://jeocaz.multiply.com/journal/item/21?&schow_intertitil=1&u=%2Fjournal%2Fit>. Acesso em: 19 abr.2015.
- LEVY, H. S. **The lótus lovers: the complete history of the curious erotic tradition of the curious erotic tradition of foot binding in China**. New York: Prometheus Books. p. 322. In: Mulheres chinesas e os pés de Lótus. Disponível em: <http://bocaberta.org>. Acesso em: 22 maio 2015.
- LOMBARDO, L. A. Cidade Proibida. In: China Imperial. **Revista Aventuras na História**. São Paulo: Abril, v. 51, 2007.
- MESENHÖLLER, M. No interior do harém. In: Istambul: o renascimento de uma metrópole mundial. **Revista Geo-Brasil**. São Paulo: Escala, v. 47, 2013.
- MONTERO, R. **Histórias de mulheres: a louca da casa**. Tradução Angélica D'Avilla Melo. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.
- MORIN, J. **A mente erótica: descobrindo as fontes internas da paixão e satisfação sexuais**. Tradução Alexandre Jordão. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MOTT, L. **Raízes históricas da homossexualidade no atlântico lusófono negro**. Afro-Ásia - Centro de Estudos Afro-Orientais. BA: Ed.UFBA, v. 33, 2005.
- SAILI, G. **Kama Sutra: no prazer feminino**. Tradução Suzana Freire de Mattos. São Paulo: Editora Escala, 2009.
- SCHIFF, S. **Cleópatra: uma biografia**. Tradução José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SHAW, B. **Socialismo para milionários**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- SILVA, R. Contos Quentes: lembranças libertinas. In: Estilo Jurerê. **Jornal Diário**

Catarinense, edição especial, 2013.

SEE, L. **Flor da Neve e o leque secreto**. Tradução Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.